

Educação e Liberdade: A Experiência da Escola Moderna de Barcelona

Sílvia Gallo*

Introdução

O educador catalão Francesc Ferrer i Guàrdia é muito pouco conhecido no Brasil de hoje. Com exceção de um artigo de Maurício Tragtenberg¹ e de citações em trabalhos que vêm resgatando a experiência da escola anarquista no Brasil, seu nome praticamente não aparece nas discussões educacionais, nem mesmo naquelas que se pretendem experiências de uma educação para a liberdade (quer se denominem de “libertárias”, “libertadoras” ou por qualquer outro nome).

Embora a obra de Ferrer tenha sido duramente perseguida pelo fascismo espanhol após sua execução em 1909, a Catalunha e a Espanha assistiram a uma interessante recuperação de suas experiências ao longo da década de 80². Como a importância de Ferrer para as experiências de escolas libertárias brasileiras nas primeiras décadas deste século — o que pode ser aferido com uma consulta aos arquivos sobre a imprensa operária deste período — não foi pequena, como ampla pode ser sua contribuição para a discussão de nossa educação contemporânea, sua obra merece ser resgatada também entre nós. Este artigo é um esforço no sentido de situar a experiência da *Escuela Moderna de Barcelona* no contexto da educação libertária.

A pedagogia racional de Francesc Ferrer i Guàrdia inscreve-se na tradi-

ção da educação libertária. Podemos percebê-la como o coroamento de todo um processo teórico-prático que se fez no seio do movimento libertário, desde William Godwin, em fins do século XVIII, passando pelos grandes clássicos do anarquismo, como Pierre-Joseph Proudhon e Mikhail Bakunin durante o século XIX e, finalmente, por Paul Robin, Elisée Reclus e Piotr Kropotkin, estes contemporâneos de Ferrer, na virada do século.

Outras influências podem ser arroladas, sobretudo aquelas que, de fora do anarquismo, acabaram por contribuir, com seu teor libertário, para a construção de uma educação dedicada à emancipação humana e à construção de uma

¹. O artigo “Francisco Ferrer e a pedagogia libertária” foi publicado no primeiro número da revista *Educação e Sociedade*, do CEDES; foi republicado na obra de Tragtenberg *Sobre Educação, Política e Sindicalismo*, lançado pela Editora Cortez em 1982.

². O movimento em torno da obra de Ferrer na Espanha tem sido intenso. Suas obras estão sendo republicadas e estão aparecendo diversas publicações que as discutem, como, por exemplo: CAPPELLETTI, A., Francisco Ferrer y la Pedagogía Libertaria, La Piqueta; MONES, SOLÀ & LAZARO, Ferrer Guàrdia y la Pedagogía Libertaria: Elementos para um Debate, Icaria; MAYOL, A. (org.). *Boletín de la Escuela Moderna*, Tusquets.

Além do aspecto de estudo acadêmico e de divulgação — foi realizada em 1990, em Barcelona, uma exposição organizada pelo “Ateneo Enciclopédico Popular” sobre a *Escuela Moderna*, reunindo material da escola que escapou da destruição na época, além de estudos atuais sobre a experiência — poderíamos citar novas experiências de escolas libertárias como o “Centro Educativo PAIDEIA” que funciona em Mérida desde 1979.

* Professor de Filosofia, é aluno do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP.

sociedade igualitária. Nesta tradição, remontamos a Rabelais que, imbuído do utopismo renascentista, oferece-nos uma deliciosa utopia pedagógica onde apareceriam já os germes daquilo que os anarquistas chamariam de “educação integral”.

Grande parte dos fundamentos pedagógicos dos anarquistas pode ser encontrada em Jean-Jacques Rousseau, para quem era necessário que se criasse um novo homem, para uma nova sociedade — isso pode ser considerado como a diretriz primeira da pedagogia libertária —, e ainda em Rousseau podemos encontrar o respeito ao indivíduo, o culto à liberdade, a educação ligada à natureza, para despertar e garantir o desenvolvimento de toda a potencialidade humana, temas bastante caros aos anarquistas. Rousseau, entretanto, está diametralmente afastado dos anarquistas: embora estes últimos o respeitem pelas suas considerações sobre a liberdade, sobretudo na educação, ele estava a serviço da sociedade que os anarquistas querem destruir.

Assim, Rousseau defendia a liberdade, mas a liberdade burguesa; defendia o individualismo, mas o individualismo burguês; lutava por uma nova sociedade, a sociedade burguesa que a Revolução Francesa consolidaria. Os anarquistas, por sua vez, tomam Rousseau e o superam, tornando *sociais* todas as suas intenções *individuais*: os libertários transformam a liberdade e a individualidade em fatos sociais, só encontrando sentido em meio à comunidade dos homens, em meio à solidariedade, e não como expressão da *competição*, que só leva a “sucessos” individuais. Ainda na esteira de Rousseau, podemos citar mais dois educadores

que, embora trabalhando a educação do ponto de vista burguês, teriam com seus métodos exercido uma considerável influência na educação libertária: Froebel e Pestalozzi.

A pedagogia anarquista é o resultado da confluência desta nova tendência da educação burguesa, que se traduz em torno da afirmação da liberdade, com a crítica social do movimento libertário, que se desenvolve na proposta de construção de um novo mundo e de um novo homem, realidades indissociáveis e de construção simultânea, na perspectiva da dialética libertária.

Educação e Liberdade: Uma Nova Perspectiva

Um conceito-chave para a compreensão da pedagogia anarquista é o conceito de liberdade. Como a conceituação dos anarquistas é um tanto quanto diferente daquela que usualmente chega até nós pela filosofia política clássica que, baseada no Iluminismo, faz uma interpretação burguesa da liberdade, convém que explicitemos aqui o conceito anarquista de liberdade, para que possamos compreender a real dimensão de sua proposta educacional.

Segundo a filosofia política burguesa, a liberdade é um fato *natural*, faz parte da natureza humana, e a sociedade é um empecilho para sua realização, pois a liberdade de um indivíduo pode limitar a liberdade do outro. Cumpre que se organize a sociedade de modo a permitir a liberdade de todos, o que é resolvido através da *lei*. Todas as pessoas são *declaradas* livres e *iguais*, o que transforma a liberdade,

nestes moldes burgueses, em pura abstração metafísica.

Como a abstração da liberdade é fruto justamente de sua afirmação como fato natural, os anarquistas vão trabalhar justamente a outra posição: a liberdade como um fato *social*. Ou seja, a liberdade não faz parte do homem, mas é conquistada e construída pela comunidade.

Segundo Proudhon, existem dois tipos de liberdade: a liberdade simples, vivida no isolamento e na individualidade, pelos bárbaros pouco civilizados; e a liberdade composta, aquela vivida pelos indivíduos em sociedade, e que, na verdade, é um equilíbrio dinâmico de forças. Como ele afirma³, na perspectiva bárbara, o máximo de liberdade equivale ao máximo de isolamento, quando não há ninguém mais para limitar a liberdade do indivíduo. Por outro lado, do ponto de vista social, quando liberdade e solidariedade se equivalem, o máximo de liberdade significaria o máximo de relacionamento possível com os outros homens, pois nesta perspectiva as liberdades não se limitam, mas se completam, se auxiliam. Ao contrário da perspectiva burguesa, a liberdade de um não termina onde começa a liberdade do outro, mas ambas as liberdades começam *juntas*, e uma é a garantia da outra.

Mikhail Bakunin toma esta concepção de Proudhon e a aprofunda, levantando severas críticas ao conceito de liberdade trabalhado em uma perspectiva burguesa por filósofos como John Locke ou Jean-Jacques Rousseau, por exemplo. À idéia de liberdade como uma característica natural do homem, Bakunin opõe a idéia da liberdade como uma construção eminentemente social, possível apenas em sociedade. Segundo ele, a liberdade é o ponto de chegada do homem, não o ponto de

partida, como queria Rousseau, pois no começo da história, estando o homem inconsciente de si, ele era como que uma marionete nas mãos das forças naturais. Sua vida regia-se pelo princípio da necessidade, fazia aquilo que era estritamente necessário para sua sobrevivência, vivia sob o jugo da fatalidade. Com o processo cultural e o desenvolvimento da civilização, o homem foi aos poucos se libertando das fatalidades naturais, construindo seu mundo e conquistando a liberdade.

A concepção materialista de Bakunin mostra que a liberdade, longe de ser um fato natural, é um fato cultural. Em outras palavras, enquanto o homem produz cultura — ou seja, se produz — ele conquista também a liberdade. Deste modo, o homem e a liberdade nascem juntos: um só existe pelo outro, um é criação do outro. É um processo de dupla ação: quanto mais o homem se “humaniza”, mais livre ele fica e, quanto mais livre, mais humano. Conclui-se, então, que ao assumir-se plenamente o homem conquista-se o máximo de liberdade. Mas o máximo de liberdade, como já havíamos visto com Proudhon, ocorre apenas quando todos os indivíduos são livres, pois as liberdades se completam. Uma sociedade socialista libertária seria, pois, a realização do homem completo, livre e senhor de suas habilidades.

“A liberdade dos indivíduos não é um fato individual, mas é um fato, um produto coletivo. Nenhum homem poderia ser livre fora e sem o concurso de toda

³. A obra de Proudhon é vasta, mas temos muito pouco dela traduzido entre nós. Para conhecer sua concepção de liberdade, seria interessante consultar algumas coletâneas de textos, sendo que a mais interessante delas, neste aspecto, é *A Nova Sociedade*, editada pela Rés, do Porto (Portugal); outra alternativa seria minha dissertação de mestrado (vide bibliografia), que tem um capítulo dedicado ao estudo da concepção anarquista da liberdade.

a sociedade humana.” (Bakunin, 1980: p.127). A liberdade será sempre uma conquista de conjunto, comunitária, e só terá sentido se conquistada por todos e para todos. Não poderíamos dizer da sociedade capitalista, por exemplo, que é uma sociedade livre, pois a liberdade dos burgueses está condicionada à exploração da força de trabalho alheia, não sendo, pois, uma verdadeira liberdade. Só uma sociedade anarquista em seus moldes de utopia, poderia realizar a verdadeira liberdade, dando condições para o pleno desenvolvimento de todas as potencialidades humanas para todos, em igualdade e justiça.

E qual o papel da educação neste processo de construção social da liberdade? Bakunin afirma que a educação e a instrução são de fundamental importância para a conquista da liberdade, pois é através da educação (seja aquela institucional, difundida nas escolas, seja aquela informal, realizada pela família e pelo conjunto das instituições sociais) que as pessoas entram em contato com toda a cultura produzida pela humanidade, desde os primórdios da civilização. Ele já percebe que a educação pode assumir uma importante função de desalienação, de destruição da ideologia de dominação e de criação de uma nova mentalidade revolucionária.

É importante que percebamos que os escritos anarquistas sobre educação dão-se em duas frentes: por um lado, é feita uma crítica contundente ao sistema de ensino que as classes dominantes — normalmente via Estado — oferecem ao operariado, com o objetivo de fazê-lo aceitar docilmente a dominação. Um exemplo desta crítica podemos encontrar em um texto escrito em 1925 por um dos animadores do movimento

libertário no Brasil, José Oiticica, do qual destacamos o seguinte trecho:

“Compreende-se que, para os possuidores, é de toda importância manter os cidadãos, mormente os trabalhadores proletários, com tal mentalidade, que aceitem sem revolta, e defendam convencidos o regime social vigente. Por isso, o Estado assume as funções de pedagogo, sobretudo das classes primárias, do povo” (Oiticica, 1983: p.30).

Por outro lado, os anarquistas dedicam-se à elaboração teórica de um processo educacional que seja o caminho para a conquista da liberdade e para a realização das possibilidades que existem em toda criança.

Do ponto de vista libertário, a educação existente na época — situação que, lamentavelmente, persiste ainda entre nós — seja a estatal, seja a particular (que, com muita frequência, não ia além das escolas confessionais religiosas), era veiculadora de erros e preconceitos. Essa educação não preparava as pessoas para pensar, para desvendar o mundo. Apresentava, isso sim, uma noção de homem e uma visão de mundo prontas e acabadas, elaboradas com base em pressupostos falsos e interesseiros, com o objetivo de perpetuar o estado de coisas. Em outras palavras, não se ensinava a *conhecer* o mundo mas, mais propriamente, era ensinado *um certo conhecimento* do mundo, conhecimento este que dava a segurança de se viver em um mundo sem mistérios, mas que levava ao medo do risco, à morte da criatividade, da originalidade, da liberdade...

No livro *A Educação pela Arte*, o filósofo libertário Herbert Read afirma que, ao falarmos no assunto educação, existem apenas dois objetivos pelos quais ela pode pautar-se: ou se educa a pessoa para que ela venha a ser o que

realmente é, ou se educa a pessoa para que ela venha a ser o que não é, mas o que o sistema quer que ela seja. A educação oferecida pelo Estado tem por objetivo moldar as pessoas, transformá-las em seres que reproduzam cotidianamente a ideologia que sustenta o sistema. A educação libertária, ao contrário, tem o objetivo de preparar o livre desenvolvimento de todas as faculdades das pessoas, para que elas possam desenvolver sua autonomia e sua liberdade, percebendo-se sempre em relação à comunidade e como parte dela.

Para os anarquistas, a educação é um dos aspectos da revolução social. Não que a educação *prepare* a revolução, mas ela em si mesma já é a revolução. A partir do momento em que se educam as pessoas para a liberdade e a igualdade no seio de uma sociedade de exploração e desigualdade, já se está fazendo a revolução, está-se começando a mudar as consciências, está-se possibilitando que se veja o mundo de outra maneira, fora da ótica da dominação, o que, na perspectiva utópica, é a abertura do horizonte de possibilidades. E ver o mundo de outra forma é o primeiro passo para a transformação, pois ninguém transforma nada se não consegue ver que as coisas podem ser diferentes.

Como o *saber* é um dos sustentáculos do *poder*, o domínio do conhecimento é a base do domínio econômico. Manter as massas na ignorância é mantê-las na miséria, por não terem condições práticas de organização, de reivindicação dos direitos dos quais elas nem mesmo tomam conhecimento. Logicamente, para que terminem as desigualdades é necessário que o poder seja distribuído integral e igualitariamente por toda a sociedade. É preciso que todos dominem o conhecimento dispo-

nível, já que ele só pode ser produzido com o concurso de toda a sociedade.

Resumindo, a educação anarquista pretende criar um novo homem e, com ele, uma nova sociedade, fundada na solidariedade, na liberdade e na justiça. Para tanto, a pedagogia libertária procura sempre dar condições às crianças para que tenham um desenvolvimento harmônico e sadio, aprendendo a prática da solidariedade e o respeito aos outros, mas também aprendendo a afirmarem-se por elas mesmas, a construírem-se autonomamente. Os métodos pedagógicos libertários não abandonam a criança em sua suposta liberdade, mas a ajudam a conquistar sua liberdade em comunidade, com as demais pessoas com quem convive, entendendo com isso que sua liberdade só é possível através da liberdade de toda a sociedade e de relacionamentos solidários entre os homens. Como processo formador de homens livres e conscientes, a educação tem para os anarquistas um importante papel na revolução social.

E é neste contexto — e não em um contexto de liberdade burguesa, como o movimento da “Escola Nova”, como querem alguns — que devemos situar a *pedagogia racional* de Ferrer i Guàrdia.

A Pedagogia Racional como uma Educação para a Liberdade

A base filosófica da educação anarquista, como já dissemos, é formada pelos conceitos de liberdade na educação de Rousseau e alguns de seus seguidores, principalmente Froebel e Pestalozzi; no caso específico da *peda-*

gogia racional de Ferrer, devemos acrescentar ainda uma tradição advinda do Iluminismo — e de sua nova roupagem no século XIX, o Positivismo de Auguste Comte —, de afirmar a Razão como o caminho do progresso e da redenção da humanidade. Ferrer não foi um homem que se separou do seu tempo; esteve sempre projetando-se, buscando o futuro, mas com base em seu tempo, com os pés firmes no chão da certeza e da esperança. E como homem de seu tempo não escapou às influências do Positivismo e sua confiança na libertação do homem pela ciência; como buscador de futuro, foi um dos pioneiros no lançamento das bases de uma educação científica. E a experiência de Francesc Ferrer e Guàrdia foi singular em muitos aspectos.

Para Ferrer a escola é geradora de futuro: tudo dela brota, sejam os libertários, sejam os tiranos; seja uma sociedade fraternal e igualitária, seja a sociedade de exploração que nos domina a todos:

“O futuro há de brotar da escola. Tudo que for edificado sobre outra base está construído sobre areia. Mas, por desgraça, a escola pode tanto servir de cimento para os baluartes da tirania quanto para os alcazares da liberdade. Deste ponto de partida podemos arrancar tanto a barbárie quanto a civilização” (Ferrer i Guàrdia, 1912: p. 22).

Para que a escola seja o veículo da liberdade e da nova sociedade, e não da exploração e das injustiças da sociedade atual, ela deve ser um centro onde seja disseminada a verdade e onde a ciência, construída por todos, deve ser igualmente distribuída entre todos:

“A verdade é de todos e socialmente deve-se a todo mundo. Colocar-lhe um preço, reservá-la como monopólio dos poderosos, deixar os humildes

em uma sistemática ignorância e, o que é ainda pior, dar-lhes uma verdade dogmática e oficial, em contradição com a ciência para que aceitem sem protesto seu ínfimo e deplorável estado, sob um regime político democrático é uma indignidade intolerável e, por minha parte, julgo que o mais eficaz protesto e a mais positiva ação revolucionária consiste em dar aos oprimidos, aos deserdados e a todos quantos sintam impulsos justiceiros essa verdade que lhes é roubada, determinante das energias suficientes para a grande obra de regeneração da sociedade” (Ferrer i Guàrdia, 1912: pp. 20-21).

No trecho acima citado, Ferrer afirma seus objetivos revolucionários e subscreve a teoria libertária de que construir uma nova educação, que leve à liberdade e à justiça, criando um novo homem, é já parte do caminho da construção de uma nova sociedade, é parte do processo revolucionário. Assim, embora se declare ele próprio “tão positivista quanto idealista”, é inegável que ele se distancia enormemente dos positivistas propriamente ditos, que acreditavam que a ciência por si só traria a emancipação e o progresso. Para Ferrer a ciência pode realmente ser o progresso, mas desde que seja devidamente distribuída por toda a sociedade; o progresso para alguns, enquanto a massa permanece na miséria, os avanços conseguidos com base na miséria não representam o verdadeiro progresso da humanidade. Só com a justa distribuição da ciência, através de escolas renovadas e libertárias, o progresso será o progresso da humanidade e a ciência estará cumprindo seu objetivo de emancipação social: mas este processo é uma verdadeira revolução social, pois subverte as bases do poder e da dominação econômica.

Para promover esta justa distribuição do conhecimento científico, o racionalismo pedagógico é centrado no ensino das ciências naturais. No programa de abertura da *Escuela Moderna de Barcelona* lê-se:

“A missão da *Escuela Moderna* consiste em fazer com que os meninos e meninas a ela confiados cheguem a ser pessoas instruídas, verdadeiras, justas e livres de todo preconceito...

“Para isto, substituirá o estudo dogmático pelo estudo racional das ciências naturais” (Ferrer i Guàrdia, 1912: p. 21).

Como a educação praticada na época — especialmente na Espanha — era basicamente religiosa, calcada nos dogmas da Igreja e na moral cristã, a *Escuela Moderna* propõe uma educação fundada na ciência, em especial nas ciências da natureza, o que garantia um *materialismo* e um *laicismo*, tão ao gosto dos ideais positivos e das teorias socialistas. Com isso, Ferrer pretende destruir todo o arcabouço de “erros e preconceitos” construído pela educação tradicional com o objetivo de tornar as classes populares dóceis e submissas, confiantes na esperança de um mundo melhor “no reino de Deus”, e assim garantindo a perpetuação do sistema social de dominação. Para que as massas não fossem mantidas na ignorância dos dogmas, garantindo com seu trabalho semi-escravo um progresso científico e tecnológico ao qual nunca teriam acesso, a *Escuela Moderna* procura fazer com que a educação seja o contato com o legado científico da humanidade, garantindo a todos o acesso a uma sabedoria que permita uma vida melhor e que seja a base de um progresso científico ainda maior.

O ensino de Ciências na *Escuela Moderna* é também inovador: é um ensino eminentemente prático, em que as ári-

das aulas teóricas são trocadas por atividades práticas em contato com a natureza, seu objeto de estudo. Para isso, tanto a escola estava equipada com laboratórios e equipamentos bastante avançados para a educação da época, quanto eram realizados passeios e excursões com o objetivo de se fazerem observações que depois seriam discutidas e trabalhadas teoricamente.

“Serão renovadas, pois, por completo as bases da educação atual; no lugar de fundar tudo sobre a instrução teórica, sobre a aquisição de conhecimentos que não têm significação para a criança, se partirá da instrução prática, aquela cujo objeto lhe seja mostrado claramente, quer dizer, se começará pelo ensino do trabalho manual.

“A razão disto é lógica. A instrução por si, não tem utilidade para a criança. Ela não compreende por que é ensinada a ler, a escrever e por que lhe encham a cabeça de física, de geografia ou de história. Tudo isso lhe parece completamente inútil, e ela o demonstra resistindo ao ensino com todas as suas forças. Enchem-na de ciência, e desejam que, o mais rápido possível — e em todas as partes, tanto na educação moral e física quanto na educação intelectual — a razão natural ausente seja substituída pela razão artificial” (Ferrer i Guàrdia, 1912: pp. 126-127).

Apesar da importância dada à ciência, em Ferrer o racionalismo e o positivismo clássico aparecem de certo modo invertidos: a ciência só tem sentido se estiver a serviço do homem e não ao contrário; e a razão, embora seja o centro do conhecimento, é encarada apenas como uma das facetas do homem, formando um conjunto com as emoções, os desejos etc. — um verdadeiro “sacrilégio” para o racionalista

clássico, que vê na razão a mestra única. Ferrer i Guàrdia acha que os conhecimentos devem ser bem fundados na razão, mas o processo pedagógico no geral deve estar intrinsecamente ligado com as emoções:

“Ademais, não se educa integralmente ao homem disciplinando sua inteligência, fazendo caso omissivo do coração e relegando a vontade. O homem, na unidade de seu funcionalismo cerebral, é um complexo; tem várias facetas fundamentais, é uma energia que vê, afeto que rechaça ou adere ao concebido e vontade que faz ato o percebido e amado.

“(…)”

“Faremos com que as representações intelectuais, que sugerem a ciência ao educando, sejam convertidas em um complexo de sentimentos, que ele intensamente as ame. Porque o sentimento, quando é forte, penetra e difunde-se pelo mais fundo do organismo do homem, perfilando e colorindo o caráter das pessoas” (Ferrer i Guàrdia, 1912, pp. 27-28).

Na tradição rousseauiana, o racionalismo pedagógico da *Escuela Moderna*, expressa um profundo respeito pela criança, trabalhando o processo educativo de modo a não impor conceitos, mas sim dar condições para que ela desenvolva plenamente suas capacidades. Metodologicamente, Ferrer foi um inovador, criando, transformando e adaptando uma série de estratégias que procuravam desenvolver a liberdade da criança e sua socialização, mas que só ficariam bastante conhecidas depois de serem trabalhadas por educadores como Freinet ou Montessori, por exemplo, além de outros educadores afinados com o movimento que seria denominado de “Escola Nova”. Mas, como já vínhamos afirmando, o racionalismo pedagógico afasta-se dessa

corrente pedagógica devido à conotação de transformação social que ele imprime, e de sua concepção de liberdade como fato social e não natural e individual.

E Ferrer não deixa dúvidas quanto às intenções revolucionárias da pedagogia racional e dos homens que ela pretende construir:

“Não tememos dizer: queremos homens capazes de destruir, de renovar constantemente os meios e a si mesmos; homens cuja independência intelectual seja a força suprema, que jamais sujeitem-se a nada; dispostos sempre a aceitar o melhor, desejosos do triunfo das idéias novas e que aspirem a viver múltiplas vidas em uma única. A sociedade teme tais homens: não se pode, pois, esperar que queira jamais uma educação capaz de produzi-los” (Ferrer i Guàrdia, 1912, pp. 60-61).

Estes são apenas alguns dentre os muitos tópicos do pensamento e prática pedagógicos de Francesc Ferrer i Guàrdia que podem nos mostrar que seu racionalismo pedagógico é, em sua essência, uma educação para a liberdade, dentro da mais pura tradição dos anarquistas comprometidos com o movimento operário e com a construção de uma sociedade socialista libertária. Para concluir, reafirmando a proposta libertária de Ferrer, citamos aqui o trecho final de uma carta por ele escrita em 01/05/1907, quando preso no *Cárcel Modelo de Madrid*:

“A educação racionalista e científica da *Escuela Moderna* há de abarcar, como se vê, o estudo de tudo quanto seja favorável à liberdade do indivíduo e à harmonia da coletividade, mediante um regime de paz, amor e bem-estar para todos sem distinção de classes nem de sexo” (Ferrer i Guàrdia, 1978, p. 229).

A Atualidade de Ferrer i Guàrdia

“Educar equivale atualmente a domar, adestrar, domesticar. Não creio que os sistemas empregados tenham sido combinados com exato conhecimento de causa para obter os resultados desejados, pois isto suporia gênio; mas as coisas acontecem como se essa educação respondesse a uma vasta percepção de conjunto realmente notável: não se poderia ter feito melhor. Para realizá-la inspiraram-se sensivelmente nos princípios de disciplina e de autoridade que guiam os organizadores sociais de todos os tempos, que não têm mais que uma idéia bem clara e uma vontade, a saber, que as crianças habituem-se a obedecer, a crer e a pensar segundo os dogmas sociais que nos regem. Isto posto, a educação não pode ser mais do que o é hoje. Não se trata de acompanhar o desenvolvimento espontâneo das faculdades da criança, de deixá-la buscar livremente a satisfação de suas necessidades físicas, intelectuais e morais; trata-se de impor pensamentos feitos; de impedi-la para sempre de pensar de maneira diferente da necessária para a conservação das instituições desta sociedade; de fazer dela, em suma, um indivíduo estritamente adaptado ao mecanismo social” (Ferrer i Guàrdia, 1912, p. 59).

O “hoje” de Ferrer na primeira década do século parece ser o mesmo “hoje” desta nossa última década do século: suas palavras seguem sendo absolutamente atuais. Ainda hoje a educação é uma “domesticação”, ainda hoje a escola é o centro de um processo de criação de engrenagens para o mecanismo so-

cial, permanentemente azeitado pela falsa ciência da dominação.

O movimento da “Escola Nova” e seus vários animadores, se verdadeiramente trouxe algumas renovações para a escola, sobretudo no aspecto da relação do professor com a criança, consolidando de uma vez por todas a orientação rousseauiana, não renovou as bases ideológicas da escola. Movimento burguês, a “Escola Nova” trabalhou a liberdade no contexto individualista do Liberalismo, e garantiu que a “liberdade” ficasse dentro de limites que não colocassem em risco a sociedade capitalista. A liberdade até agora trabalhada pela escola é a liberdade de concorrência, de luta social pelo lucro, e entronizou a ridícula figura do “yuppie”. A educação, renovada ou não, continuou reproduzindo a ideologia do sistema e garantindo a sua reprodução.

E esta função da escola assume hoje uma feição ainda mais grave, pois apresenta-se de forma muito mais velada. Sob um certo laicismo, sob a máscara de uma certa liberdade, sob a alcinha de uma falsa modernidade, a escola deste final de século continua fiel ao seu objetivo de reprodução social; além disso, a eficiência de hoje é bem maior que aquela de noventa anos atrás, pois a dissimulação dificulta a consciência da dominação, o que torna a revolta ainda menos provável.

Por tudo isso, Ferrer continua atual e é importante que sua obra seja estudada e divulgada. A educação para a liberdade hoje deve ter em Ferrer um dos seus pilares, se não quiser “reinventar a roda”.

Para que da escola possa brotar um futuro libertário, para que a educação produza os homens capazes de destruir a velha ordem e capazes de renovar a si mesmos e à sociedade constantemente, capazes de viver em liberdade e

solidariedade, os educadores do final do século XX têm muito que aprender com o educador Francesc Ferrer i Guàrdia e sua experiência do início do século, a *Escuela Moderna de Barcelona*.

Referências bibliográficas

- ARVON, H. *El Anarquismo en el Siglo XX*. Madrid, Taurus, 1979.
- BAKUNIN, M. *Dios y el Estado*. 4ª ed. Madrid, Júcar, 1979.
- _____. *La Libertad*. 2ª ed. Madrid, Júcar, 1980.
- DOMMANGET, M. *Los Grandes Socialistas y la Educación*. Madrid, Frágua, 1972.
- FERRER i GUÀRDIA, F. *La Escuela Moderna*. Barcelona, Solidariedad, 1912.
- _____. *La Escuela Moderna*. Barcelona, Tusquets, 1978.
- FERRER, S. *La Vie et la Ouvre de Francesc Ferrer — un Martyr au XXe. Siècle*. Paris, Fischbacher, s/d.
- LUIZZETO, F. *Utopias Anarquistas*. São Paulo, 1987.
- GALLO, S. *Educação Anarquista: por uma Pedagogia do Risco*. Dissertação de mestrado. Campinas, Faculdade de Educação da UNICAMP, 1990.
- MORIYÓN, F. G. (org.). *Educação Libertária*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- OITICICA, J. A. *Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos*. São Paulo, Ed. Econômica, 1983.
- PROUDHON, P. J. *A Nova Sociedade*. Porto, Rés, s/d.
- SOLÁ, P. *Las Escuelas Racionalistas en Cataluña*. 2ª ed. Barcelona, Tusquets, 1978.
- TOMASI, T. *Ideologie Libertarie e Formazione Umana*. Firenze, La Nuova Italia, 1973.
- _____. *Breviario del Pensamiento Educativo Libertario*. 2ª ed. Cali, Madre Tierra, 1988.
- TRAGTENBERG, M. Francisco Ferrer e a pedagogia libertária. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, CEDES, nº 1.
- Júicio Ordinario Seguido ante los Tribunales Militares en la Plaza de Barcelona contra Francesc Ferrer i Guàrdia*, Palma de Mallorca, Pequeña Biblioteca Calamvs Scriptoris, 1977.

Resumo É possível uma educação para a liberdade? Este artigo retoma a experiência do educador catalão Francesc Ferrer i Guàrdia com a *Escuela Moderna de Barcelona* na primeira década deste século, procurando situá-lo no contexto de um desenvolvimento histórico dos princípios anarquistas de educação.

Palavras-chaves: Educação e liberdade, racionalismo pedagógico, *Escuela Moderna de Barcelona*, educação libertária.

Abstract Education for freedom — is it possible? This paper discusses the experience of the Catalan educator Francesc Ferrer i Guàrdia with his *Escuela Moderna de Barcelona* in the first decade of this century. It tries to situate such pedagogical experience in the context of the historical development of the anarchist principles of education.

Descriptors: Education and freedom, pedagogical rationalism, *Escuela Moderna de Barcelona*, libertarian education.